

Alfabetização Intercultural Paiter Surui: ler e escrever com foco na cultura escrita

Alfabetización Intercultural Paiter Surui: leer y escribir con foco en la cultura escrita

Naraykopega Surui
Josélia Gomes Neves
Universidade Federal de Rondônia - UNIR
Ji-Paraná – Brasil

Resumo

Após o contato com o Estado brasileiro os Povos Indígenas passaram a vivenciar experiências com a escrita. Com o intuito de compreender como a alfabetização intercultural tem ocorrido entre os Paiter é que desenvolvemos o presente estudo. Foi realizado na Escola Paiterey que atende as aldeias Lobó e Tikã na Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal, estado de Rondônia em 2015. A metodologia utilizada foi a da pesquisa narrativa e documental. Os resultados apontaram que os processos iniciais da leitura e da escrita entre os Paiter têm ocorrido por meio de atividades que ora se aproximam da concepção empirista representada pelo modelo da cartilha ou da visão construtivista (FERREIRO, 1985). Posteriormente estes conhecimentos são mobilizados na prática social resultando em múltiplos registros a favor dos interesses do Povo como elementos culturais de sua atual identidade.

Palavras-chave: Povo Paiter Suruí; Alfabetização Intercultural; Cultura Escrita.

Resumen

Tras el contacto con el Estado brasileño los Pueblos Indígenas pasaron a vivenciar experiencias con la escritura. Con el fin de comprender cómo la alfabetización intercultural ha ocurrido entre los Paiter es que desarrollamos el presente estudio. Se realizó en la Escuela Paiterey que atiende las aldeas Lobó y Tikã en la Tierra Indígena Sete de Setembro, Cacoal, estado de Rondônia en 2015. La metodología utilizada fue la de la investigación narrativa y documental. Los resultados apuntaron que los procesos iniciales de la lectura y de la escritura entre los Paiter han ocurrido por medio de actividades que ahora se aproximan a la concepción empirista representada por el modelo de la cartilla o de la visión constructivista (FERREIRO, 1985). Posteriormente estos conocimientos son movilizados en la práctica social resultando en múltiples registros a favor de los intereses del Pueblo como elementos culturales de su actual identidad.

Palabras clave: Pueblo Paiter Suruí; Alfabetización Intercultural; Cultura Escrita.

Introdução

A alfabetização entrou nas aldeias brasileiras através da criação das escolas após o estabelecimento do contato oficial entre os diversos povos indígenas e o Estado brasileiro. O conhecimento escrito foi objeto de atenção e ainda é de muitas sociedades indígenas, tendo em vista as diversas possibilidades comunicativas que oferece como resposta às demandas do mundo em que vivemos. Mas como as aprendizagens iniciais da leitura e escrita tem ocorrido nas aldeias do Povo Paiter Surui e como estes saberes repercutem em suas práticas sociais? Estas questões mobilizaram a investigação que resultou neste estudo.

A pesquisa foi realizada junto ao Povo Surui de Rondônia que se autodenomina “[...] Paiter, que significa em nossa língua, ‘gente de verdade’, ‘nós mesmos’, quem primeiro surgiu no mundo, um povo de raiz, de qualidade, da natureza. Atualmente, o povo prefere ser chamado de forma intercultural – Paiter Suruí [...]” (SURUI, 2015a, p. 6). Esta sociedade étnica habita na atualidade a Terra Indígena (T. I.) Sete de Setembro, território localizado nos estados de Rondônia e noroeste do Mato Grosso. São falantes da língua Paiter do tronco Tupi e família linguística Mondé, a segunda língua adotada é o português. O contato oficial com o Estado brasileiro ocorreu em 1969 (MINDLIN, 1985), tempos depois o território foi regulamentado através do Decreto nº 88.867.

O objetivo deste texto foi compreender como o Povo Paiter Surui - uma população indígena localizada na Amazônia brasileira elabora os processos de ler e escrever com vistas à utilização deste saber em suas práticas sociais. Trata de um recorte de pesquisa realizada no âmbito da graduação, no curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia em 2015.

O trabalho, em língua indígena, teve o seguinte título: *Pamin paje timi ter pajeor sodîg om saba pamuga akobah ewetig, ahkarbame Paiter ekobabe sade sodig emi ewesame xagud emãhme tig*. Em português quer dizer, *Alfabetização Intercultural Paiter Suruí: historiografando trajetórias do tempo ágrafo à cultura escrita*. (SURUI, 2015a). Foi realizado na Escola Paiterey que atende estudantes das aldeias Lobó e Tikã na Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal, estado de Rondônia. Incluímos também as aldeias Lapetanha e Pin Paiter, comunidades em que vivem os sujeitos colaboradores do estudo.

A metodologia que contribuiu para a realização da investigação foi a pesquisa narrativa (CUNHA, 1997) e a pesquisa documental (GIL, 2008). A pesquisa narrativa foi

necessária porque orientou a realização das entrevistas com um sabedor e dois docentes que atuam na alfabetização Paiter. Serão identificados neste trabalho como sabedor, professora 1, professor 2 em atenção à Resolução nº 510/2016 e os protocolos de ética na pesquisa. Seus relatos foram importantes para entender o fazer pedagógico intercultural que acontece no início da escolarização. Um procedimento metodológico que propicia aprendizagem para todo o coletivo envolvido: “[...]. As pessoas vão contando suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão anunciando novas possibilidades, intenções e projetos. [...]. Experiência e narrativa se imbricam e se tornam parte da expressão de vida de um sujeito. [...]”. (CUNHA, 1997, p. 188). São contribuições que ajudaram a entender esta parte inicial de ingresso na escrita e nas culturas do escrito, que no dizer de Emília Ferreiro (2013) envolve as múltiplas e plurais formas de aquisição e uso deste objeto cultural na atualidade.

O outro recurso que adotamos foi a pesquisa documental, caracterizada por fontes de dados “[...] de primeira mão, que não receberam qualquer tratamento analítico, tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, [...], fotografias, [...]”. (GIL, 2008, p. 51). Desta forma tiveram um papel importante nesta investigação os registros escolares e sociais que atestam o uso e circulação da escrita em língua Paiter e em língua portuguesa entre o Povo Surui: atividades extraídas de cadernos escolares de estudantes indígenas, assim como as comunicações em suportes eletrônicos possibilitados pela internet.

Outra consideração importante para um melhor entendimento deste texto diz respeito ao tratamento dado à língua portuguesa, a segunda forma de comunicação escrita usada pelos Surui. Temos compreendido estas grafias indígenas como português étnico, a nosso ver, uma representação escrita adequada a este contexto. Trata de uma negociação própria dos processos de interculturalidade crítica, concepção ancorada no pensamento freireano que se define, dentre outros aspectos, como: “[...] uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização. [...] envolve ‘em aliança’ setores que, da mesma forma, buscam alternativas à globalização neoliberal e à racionalidade ocidental [...]”. (WALSH, 2009, p. 22).

Significa dizer que os relatos evidenciam formas de comunicação de segunda língua e que é importante conservar estas marcas específicas na grafia que apressadamente podem sugerir necessidade de revisão ortográfica. No entanto, analisamos que uma correção

excessiva pode promover apagamentos ou mascaramentos culturais a respeito de como esta população indígena de contato relativamente recente se relaciona com a língua portuguesa.

O estudo que derivou este texto foi produzido na Linha de Pesquisa Alfabetização & Cultura escrita, que além de outros temas, discute a Alfabetização Intercultural. Um termo que diz respeito aos processos de aprendizagem inicial da língua escrita em contextos indígenas tanto em língua materna como em língua portuguesa. As investigações desenvolvidas evidenciam que o processo inicial de aprendizagem da língua escrita nas aldeias indígenas é caracterizada por uma forte relação com a oralidade, expressos através de desenhos autorais infantis como representações da realidade étnica, uso de alfabetos fixos e móveis, escritas espontâneas e textos selecionados a partir dos conhecimentos das crianças. Aspectos que se relacionam com a concepção construtivista de alfabetização. E há evidências da concepção empirista popularizada pelo formato das cartilhas inclusive em línguas indígenas (NEVES, 2009).

Dentre os objetivos da Alfabetização Intercultural destacamos a necessidade de conhecer os seus aspectos históricos e aprofundar a compreensão de como povos de tradição oral, caso das populações indígenas elaboram os conhecimentos iniciais de leitura/escrita e o que fazem com estes saberes em seu dia a dia. A lente teórica dos estudos da Alfabetização Intercultural considera as contribuições de Emília Ferreiro (1985), Telma Weisz (2001) e Paulo Freire (1989) em dialogia com a pesquisa narrativa e a pesquisa documental.

O trabalho foi atualizado em alguns aspectos em especial quanto à substituição de imagens em busca de uma melhor qualidade. Está organizado em duas partes: inicialmente considera como recurso de análise as narrativas de um sabedor sobre a educação ancestral, anterior à escolarização e as primeiras experiências de alfabetização dos Paiter; depois apresenta a perspectiva de uma professora e um professor sobre suas atuações em salas de aula com os documentos pedagógicos correspondentes. Posteriormente, o foco da discussão se dirige para os saberes da escrita que circulam na sociedade Paiter – seus espaços e a materialização da prática leitora/escritora em suas diferentes finalidades.

O início da educação escolar do Povo Paiter: o contato com a cultura escrita

Antigamente a nossa escola era o mais velho. A criança do tempo da gente não conhecia o não indígena, assim logo de manhã quando acordava já sabia que o pai ia chamá-lo para acompanhar, caminhar e aprender sobre o seu povo esse era o primeiro passo da tarefa de alfabetizar a criança culturalmente. No tempo passado

do meu povo tradicional, a escola não era dividida, os nossos sabedores eram unidos e ajudavam uns aos outros principalmente nos conhecimentos mais difíceis a união que fortalecia a nossa história e a troca de experiência do conhecimento da tradicional mais antigo do povo. (SURUI, 2015c, p. 1).

A epígrafe permite afirmar que a educação ancestral faz parte do modo de vida indígena desde os tempos imemoriais. Como em outras sociedades constituía/constitui um dos mecanismos de coesão dos grupos. As relações entre o ensinar aprender temas considerados relevantes para o coletivo pode ser considerado como recurso vital às suas existências físicas e culturais: “Os povos indígenas mantêm sua alteridade graças a estratégias próprias de vivência sociocultural, sendo a **ação pedagógica** uma delas. [...] permite que continuem sendo eles mesmos e mantenham a transmissão de suas culturas por gerações”. (MELIÁ, 1999, p. 11).

Em relação à educação formal, os estudos sobre o ingresso dos povos indígenas nas culturas do escrito evidenciam que em diversas localidades esta atividade iniciou com a alfabetização realizada por missionários. (CABIXI, 1981; NEVES, 2009; MONTE, 1987). E entre o Povo Paiter Surui não foi diferente pois de acordo com o relato do sabedor, a educação formal foi iniciada junto ao povo Paiter em 1982 treze (13) anos depois de contato com não-índio.

Os primeiros alfabetizados foram os seguintes alunos: Mauíra Surui, Ñaramatxiga Surui, Meresór Surui, Agamenon Surui, Ñaami Anine Surui, Ibjaragá Surui e Mehpooy Surui. Os professores eram os missionários da Sociedade Internacional de Linguística (SIL) Tine Bill e sua esposa Caroline que já sabiam falar um pouco da língua Paiter e assim alfabetizavam na língua materna através de trabalhos de transcrição da língua, incluindo nesta atividade, noções básicas de matemática.

Deste modo, a presença missionária nos territórios indígenas tem relação direta antigas pactuações feitas entre o Estado brasileiro e as organizações religiosas tendo em vista as finalidades de catequização/evangelização e integração à chamada sociedade nacional. A justificativa para a manutenção destas entidades nas aldeias encontrava sustentação nas atividades de estudos da língua no âmbito da escola, o que pode significar que: “[...]. Os missionários desempenhavam nas aldeias um papel que o Estado não queria ou era incapaz de assumir. [...]”. (VALENTE, 2017, p. 300).

Em 1983 a FUNAI implantou oficialmente a educação escolar indígena na T. I. Sete de Setembro, contratando uma professora não indígena para ensinar os Paiter a ler e escrever na língua portuguesa, mas os missionários do SIL permaneceram com o trabalho na língua materna. Posteriormente as escolas indígenas de Rondônia passaram a fazer parte do sistema estadual de educação por meio do Decreto nº 5705 de 21 de outubro de 1992 em atendimento ao Decreto nº 26/1991 que regulamentou a transferência da educação escolar indígena da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para o Ministério da Educação (MEC).

De 1984 a 1985 o povo Paiter Suruí passou a se organizar através das linhas 08, 09, 10, 11 e 12, sendo que a linha 12 era onde funcionava a Aldeia Central do Suruí, assim os estudantes Paiter vinham das outras linhas para estudar na escola da linha 12, mesmo com a distância e as dificuldades não desistiram de estudar. Em 1998 a Escola Indígena Estadual Paiterey de Ensino Fundamental (EIEEF) da Linha 11 foi regulamentada por meio do Decreto nº 8494. Atualmente é identificada pelo código nº 11041234 no âmbito do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP).

Avaliamos que estes conhecimentos podem contribuir para a Educação Escolar Indígena de forma ampla, para a alfabetização referente aos seus antecedentes históricos em âmbito local, pois, “[...] com a história da educação construímos interpretações sobre as maneiras pelas quais os povos transmitem sua cultura e criam as instituições escolares e as teorias que as orientam. [...]” (ARANHA, 2012, p. 684-685). Daí decorre a necessidade de inventariar as experiências primeiras de inserção no mundo escrito dos povos originários e possíveis reminiscências na atualidade.

Ler e escrever na perspectiva Paiter Suruí – a visão da docência indígena alfabetizadora

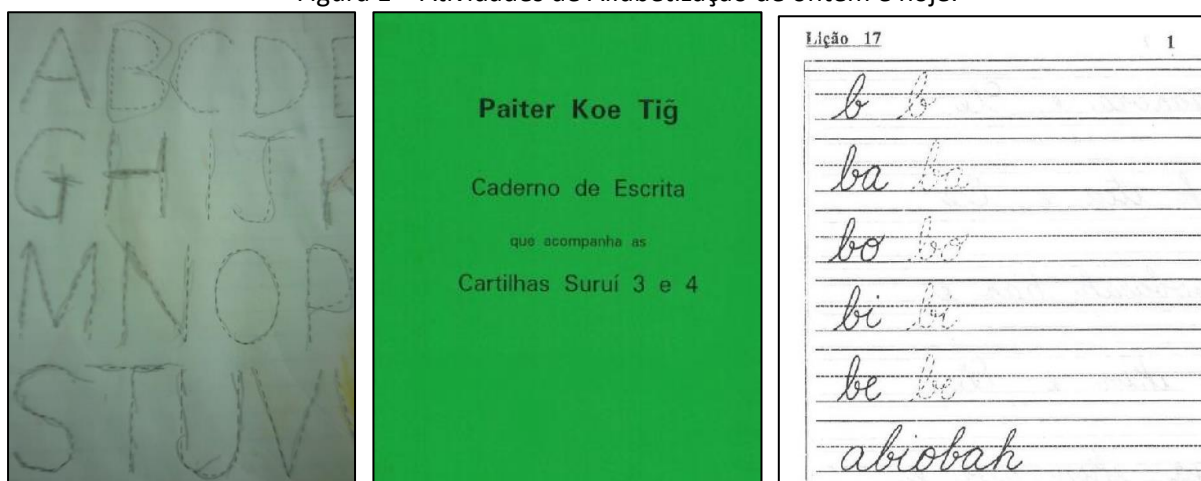
Iniciei como professora no ano de 2004, sempre trabalhei com 1º ano, 2º ano na sala de aula. [...]. Trabalho com recreativas letras móveis e jogo de letras e leitura em grupo e individual, também desenho criativo, palavra com pontinhos para alunos passar lápis para praticar a mão, também faço leitura da vogal e desenho de forma das letras das palavra. [...] gosto de ser professora eu adoro trabalhar com alunos de 1º a 5º anos. [...]. (Professora 1).

Para compreender como a alfabetização intercultural tem ocorrido entre os Paiter iniciaremos as reflexões com a professora 1 que ingressou no magistério em 2004 mediante contrato emergencial no ensino fundamental – anos iniciais. Seu trabalho é realizado na aldeia Lapetanha, na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Tancredo Neves na T.

I. Sete de Setembro. Em 2015 esta professora atuava com turmas de 1º ano e 2º ano e foi neste tempo que como outros docentes de Rondônia foi aprovada em concurso público. Na atualidade é estudante da Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia, graduação específica de formação docente indígena.

De acordo com seu relato uma das atividades trabalhadas no começo da alfabetização são aquelas em que se pede para as crianças cobrir letras pontilhadas correspondentes ao alfabeto como meio de exercitar a coordenação motora. Ao lado da atividade realizada atualmente pela professora apresentamos a capa e a lição 17, imagens extraídas dos materiais utilizados pelos missionários no começo da escolarização Paiter:

Figura 1 – Atividades de Alfabetização de ontem e hoje.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Trata de uma prática comum observada ainda hoje nas salas de aula de alfabetização em escolas indígenas. Um aspecto que já foi problematizado pelo *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*: “O professor também deve cuidar para não reproduzir orientações que se inspiram em modelos conservadores de ensino [...], os ‘exercícios de coordenação motora’ que apresentam pontinhos para cobrir e outros. [...]”. (BRASIL 1998, p. 311). Esta forma de trabalhar na alfabetização constitui uma herança direta do modelo pedagógico baseado nas cartilhas, um material que durante muito tempo também predominou nas áreas indígenas.

Como vimos no tópico anterior a primeira experiência de alfabetização entre os Paiter Suruí foi coordenada por missionários estrangeiros da Sociedade Internacional de Linguística (SIL). A análise do Caderno de escrita, *Paiter Koe Tiğ*, um complemento das cartilhas Suruí 3 e 4 elaboradas por Carolyn Bontkes evidencia muitas atividades de cobrir

letras e sílabas em perspectiva caligráfica. Uma forma de trabalhar caracterizada como concepção empirista que exige treino motor como requisito para aprender a ler e escrever.

Figura 2 – Atividades de Alfabetização atuais.



Fonte: Dados da Pesquisa.

As grafias referentes às palavras em Paiter: soã/carã, wasapöh/ burro e xanär/cabeça são ilustradas por desenhos produzidos pelas próprias crianças para representar elementos de sua realidade. Uma atividade importante para refletir a funcionalidade da língua Paiter escrita, além de significar uma importante característica da Educação Escolar indígena estabelecida pela Constituição Federal que: “[...] assegura às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”. (BRASIL, 1988, p. 1). A presença do desenho na alfabetização compõe uma unidade inseparável com a escrita. (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

O uso de desenhos livres trabalhados na sala de aula pela Professora 1, significa uma primeira simbolização da realidade. Favorece os processos iniciais de entendimento da língua no papel porque, “Quando a criança desenha livremente, ela já está elaborando ideias sobre a escrita. [...]” (BRASIL, 1998, p. 136). Esta etapa constitui uma grafia inaugural e que vai acompanhar as crianças durante quase todo o período dos anos iniciais do ensino fundamental como um mecanismo de produção de sentidos às atividades escolares.

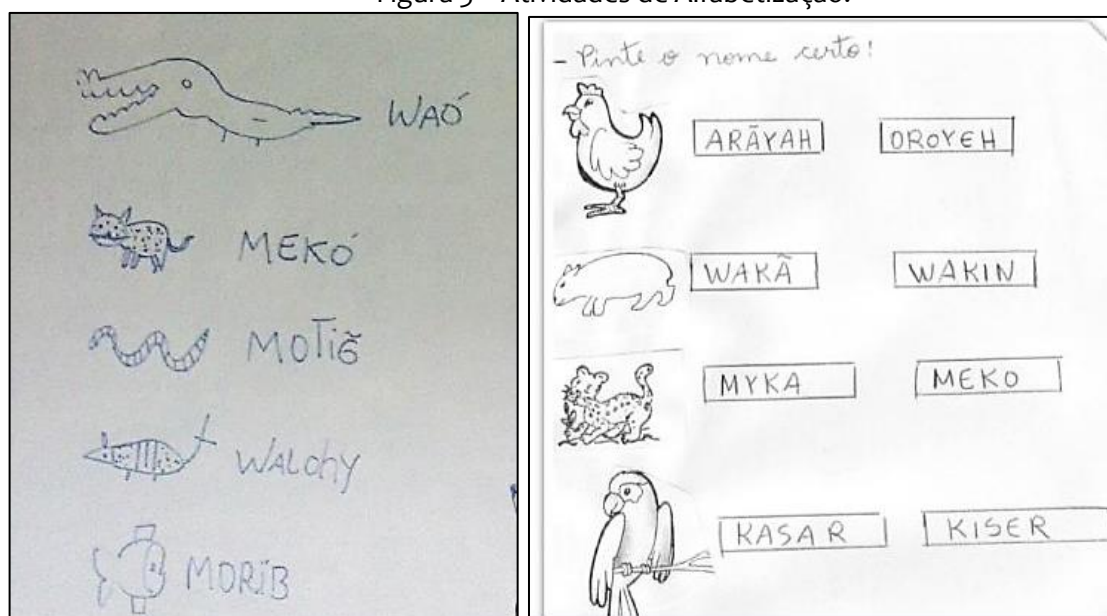
Para a Professora 1 depois que as crianças compreendem e identificam as letras (vogais) elas começam a ler sozinhas, então avançam para outras atividades, por meio de ações de passo a passo. No segundo ano do ensino fundamental ela trabalha com desenhos e produção de frases relacionadas a ele. Também propõe atividade em grupos para a produção de trabalhos escritos e faz leitura em roda.

O segundo entrevistado foi o Professor 2, ele trabalha na Escola Isidoro de Souza na Linha Nove (09), Aldeia Pin Paiter, na T. I. Sete de Setembro. Iniciou sua formação no Instituto de Antropologia e Meio Ambiente (IAMÁ) depois cursou o Projeto Açai – um curso de magistério indígena em nível médio oferecido pela Secretaria de Estado da Educação (SEDUC) concluído em 2004. Depois cursou a graduação na Licenciatura em Educação Básica Intercultural da UNIR, ocasião em que defendeu o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o título: *Processos próprios de alfabetização em Paiter Suruí* em 2015. Trabalha como professor indígena Paiter na sala de aula desde 1996, geralmente em turmas multisseriadas.

[...] eu gosto conviver com crianças de alfabetização me acostumei trabalhar com alfabetização na escola porque aprendi como ensinar as crianças. [...] o meu pensamento quando me habilitar na universidade, meu desejo é avançar na área do conhecimento da alfabetização. Tenho 13 alunos da alfabetização matriculados este ano de 2013 realmente trabalho com turma de 1º ao 3º ano de alfabetização. No início de três turmas primeira vez me dificultou trabalhar com três séries juntos e depois me acostumei trabalhar com três turmas. (Professor 2).

A análise de seu relato permitiu entender que inicia o trabalho com atividades de escrita na língua materna por meio de desenhos de animais conforme as ilustrações que seguem, expressas nas palavras: *wao/jacaré*, *meko/onça*, *motig/minhoca*, *waloy/tatu*, *morip/peixe* e na segunda: *arayah/galinha*, *wakin/cutia*, *meko/onça*, *kasar/arara*, por exemplo.

Figura 3 – Atividades de Alfabetização.



Fonte: Dados da Pesquisa e Garixamã Surui (2015).

As palavras selecionadas assumem a função de temas geradores comprometidos com uma educação de sentidos, uma vez que: “[...]. Não há prática pedagógica que não parta da concretude cultural e histórica do grupo com quem se trabalha. [...]” (FREIRE, 1982, p. 24). A lista de nomes pertencem a animais existentes no território indígena e são conhecidos pelas crianças, o que potencializa ainda mais as aprendizagens na perspectiva da Alfabetização Intercultural. É possível inferir que o Professor 2 utiliza de forma intensa a língua materna em sala de aula por que entende que facilita o ensino, as crianças compreendem melhor a sua explicação através da oralidade. Ela é utilizada como língua de instrução oral conforme orienta o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), uma relevante proposição pedagógica (BRASIL, 1998).

[...]. A minha produção de atividades escrita na língua materna como: elaborar os conteúdos que tenha desenho de artesanatos, animais e objetos essa atividade é realmente produzido no primeiro passo de aprendizagem dos meus alunos na sala de aula. Também procura mais o conhecimento do sabedor da comunidade para desenvolver a conhecimento da história do povo Paiter para as crianças na sala de aula. (Professor 2).

O professor também ressaltou a importância da valorização dos etnoconhecimentos desde a infância. Afirmou que também gosta de trabalhar com a história do Povo Paiter, momento em que conta com a presença do sabedor da aldeia que através de diálogos com as crianças na escola disponibiliza informações relevantes no início da escolarização. Participou de todos os processos formativos desenvolvidos em Rondônia. É um dos alfabetizadores com muita experiência na educação escolar Surui.

As narrativas docentes do Povo Paiter possibilitaram entender que a alfabetização intercultural que permite o ingresso da etnia nas culturas do escrito ocorre a partir de múltiplas estratégias pedagógicas. Dentre outras destacamos a relação evidenciada entre o desenho de algo conhecido e a grafia na língua materna. Uma forma de atribuir sentidos à didática intercultural na medida em possibilita às crianças indígenas compreender para que serve a escrita. Um conhecimento que se aproxima da concepção construtivista popularizada no Brasil com os estudos de Emília Ferreiro (1985) e Telma Weisz (2001).

O uso do alfabeto móvel sinaliza também evidências nessa direção porque é um instrumento importante para a aprendizagem dos nomes das letras relacionadas aos contextos de conhecimentos da criança: seu nome, lista dos nome dos familiares, frutas,

brinquedos, animais, dentre outros. A ancoragem considera a perspectiva freireana quanto a articulação inseparável entre os modos de vida e a linguagem escrita: “Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. (SEVERINO, 1987, p. 7). Atividades como estas permitem pensar a escrita como uma representação da linguagem na medida em que a criança pode compreender as finalidades sociais deste objeto cultural.

Por outro lado, há propostas de atividades com foco na coordenação motora sustentados pela ideia que é preciso fazer treinamentos da mão para aprender a ler e escrever, modo de pensar herdado das cartilhas. Estas diferentes concepções explicitadas nas práticas pedagógicas podem evidenciar a existência de saberes da tradição pedagógica e as interpelações mais atuais da formação docente, onde há relações entre:

[...] atividades construtivistas – o alfabeto fixo e móvel, listas e textos espontâneos, permanecem porque são avaliados como bons recursos para assegurar a aprendizagem da leitura e da escrita. Por sua vez, há a coexistência com atividades exclusivas de cópias e decifrações que parecem significar um complemento, uma intervenção de ajuste, como se algo estivesse faltando. (NEVES, 2009, p. 294).

Estas experiências com mais ou menos significados para as crianças, representam demandas para o debate sobre alfabetização por parte da comunidade/docência indígena, universidade e secretaria de educação. De maneira geral constituem o ponto de partida para o prosseguimento do trabalho escolar que contribui para a repercussão de diferentes níveis de apropriação do sistema de escrita como discutiremos no próximo tópico.

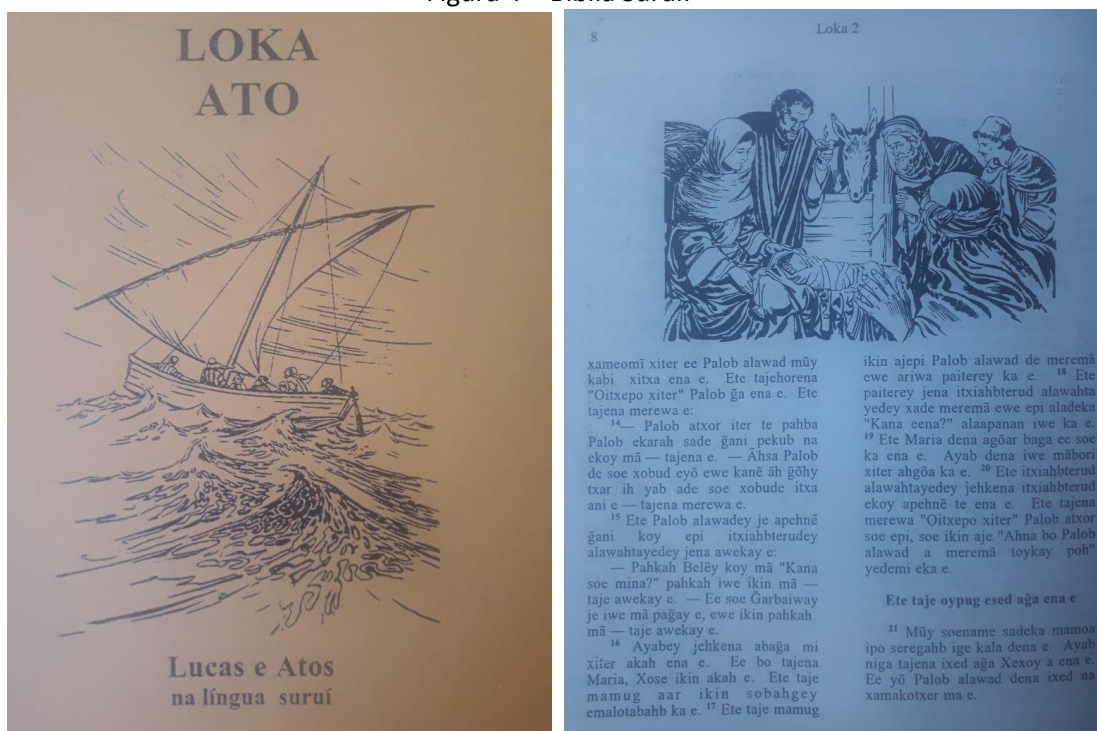
O Povo Paiter Suruí e os usos do conhecimento escrito

[...] em lugar nenhum é possível escrever sem praticar a escrita, numa cultura de memória preponderantemente oral [...], um programa de alfabetização precisa, de um lado, respeitando a cultura como está sendo no momento, estimular a oralidade dos alfabetizados nos debates, no relato de histórias, nas análises dos fatos; de outro, desafiá-los a que comecem também a escrever. Ler e escrever como momentos inseparáveis de um mesmo processo – o da compreensão e o do domínio da língua e da linguagem. (FREIRE, 1989, p. 27).

O ingresso no mundo da escrita iniciado em 1982 permitiu a ampliação da comunicação do Povo Paiter Suruí. É possível afirmar que na atualidade parte significativa desta população sabe ler e escrever. As pessoas que não fazem uso da cultura escrita em um sentido direto são os mais velhos e as crianças pequenas, mas convivem neste ambiente e possuem muitos conhecimentos a respeito em perspectiva não convencional.

Assim, a língua indígena Paiter em versão escrita emergiu ao mesmo tempo na escola e na igreja como resultado dos estudos dos linguistas missionários com a contribuição dos falantes Suruí. Uma ação que resultou na elaboração de dois materiais: para a escola foi produzida a cartilha e para a igreja, a bíblia. Nesta direção, podemos afirmar que o livro bíblico foi a primeira referência sistematizada na língua materna para a prática da leitura fora do ambiente escolar, uma finalidade central da atividade evangelizadora desencadeada pela Sociedade Internacional de Linguística (SIL):

Figura 4 – Bíblia Suruí.



Fonte: Dados da Pesquisa.

Čaami Anine Suruí, atual liderança indígena informa importantes elementos a respeito da introdução da escrita entre o Povo: “O Bill era um missionário holandês e sua mulher, Carolina, era americana. Desde 1966 [...] eles já estavam aqui. [...]. Ele disse que estava aqui para estudar a língua e fazer a cartilha Suruí [...]” (PAPPIANI; LACERDA, 2016, p. 172). E neste contexto, foi concluído o trabalho que culminou com a versão bíblica em Paiter.

Apresentaremos abaixo três sistematizações que demonstram como os Suruí vêm utilizando os recursos da escrita em diferentes situações comunicativas a partir do uso das duas línguas: a Paiter e a língua portuguesa tanto no ambiente escolar como nas práticas sociais. Inicialmente demonstraremos o uso da escrita apenas na língua indígena e depois

apresentaremos os usos da escrita na segunda língua e o terceiro, as situações de escrita envolvendo as duas línguas nestes diferentes espaços sociais.

A língua Paiter Surui escrita tem sido veiculada em diferentes espaços - na escola, na igreja, em momentos de estudos linguísticos, nas atividades de saúde. Mas, é importante evidenciar que cada vez mais a escrita Paiter é utilizada em suportes eletrônicos. Isso ocorre no envio e troca de mensagens e materiais através da internet nas aldeias que contam com este recurso tecnológico, confirmando que: “[...]. Ler e escrever são construções sociais. Cada época e cada circunstância histórica dão novos sentidos a esses verbos. [...]”. (FERREIRO, 2002, p. 13).

Quadro I - Usos da escrita na Língua Materna

Atividades	Local
Escrita de versículos bíblicos;	Igreja
Produção de textos a partir das histórias dos mais velhos;	Escola
Ortografia da língua (sistematização) e músicas	Comunidade
Listas de nomes próprios, de animais, plantas, aldeias, etc.	Escola
Elaboração de receitas da medicina tradicional com agente de saúde	Comunidade
Escritas em suporte tecnológico: e-mail, Facebook, WhatsApp, etc.	Comunidade

Fonte: Dados da Pesquisa.

Verificamos que há uso da língua escrita Paiter também fora da T. I. Sete de Setembro, ou seja, nos espaços urbanos, uma escrita feita geralmente em material tecnológico – a tela do computador ou do aparelho celular onde cada vez mais a comunicação remota ocorre. Escritas caracterizadas por mensagens curtas e objetivas que atendem diversas finalidades: informar, divertir, orientar, dentre outras:

Figura 5 – Escritas na língua indígena Paiter



Fonte: Dados da Pesquisa.

Assim a língua indígena na atualidade escrita aos poucos também vem se manifestando, não tanto quanto a oral, mas vem ocupando espaço, pois como coloca o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas: “[...]. Se a comunidade tiver claro que cada língua tem o seu território, o seu domínio, e se ela mantiver cada língua em seu lugar específico, então a tendência é que seus membros permaneçam bilíngues. [...]” (BRASIL, 1998, p. 109). Estas evidências atestam também que o território linguístico passa a ser definido pelos falantes/escritores/leitores e independe do lugar, ou seja, pode ser na aldeia ou na cidade.

Em relação à escrita da língua portuguesa em contextos indígenas Paiter, essa prática cultural cada vez mais tem sido incorporada a vida atual dos Surui. É possível observar que é requerida em processos comunicativos diretamente ligados à situações não indígenas, ao contexto do “outro” ou para outra etnia, confirmando que: “Aprender a ler e escrever a língua portuguesa e manipular as operações básicas da aritmética passava a ser visto pelas lideranças indígenas como um instrumento decisivo para a abertura de novos horizontes”. (CABRAL, 1987, p. 93). As próprias circunstâncias dão pistas da variedade de escritas - formais e não formais - veiculadas nestes ambientes evidenciando múltiplos e complexos processos comunicativos.

Quadro II - Usos da escrita na Língua Portuguesa

Atividades	Local
Ata de reuniões das organizações indígenas	Comunidade
Documentos para autoridades	Comunidade
Atividades ministradas por docentes não indígenas	Escola
Receitas médicas	Posto de Saúde
Placa da Terra Indígena	Comunidade
Faixas	Comunidade

Fonte: Elaboração própria.

Assim, a língua aprendida após o contato, a língua do “branco”, é utilizada comumente em situações comunicativas com falantes não-Paiter, diante de um não indígena ou de um indígena de outra etnia. Entre os Surui a língua portuguesa é utilizada na nomeação de objetos ocidentais que ainda não foram traduzidos internamente. A utilização desta segunda língua acontece principalmente na elaboração de textos para as autoridades não indígenas, textos que tratam de assegurar o cumprimento dos direitos indígenas, além

de outras situações colocadas pelo contato, como os materiais didáticos escolares nacionais, as receitas médicas, as listas de compras, comunicações em suportes eletrônicos, bem como a divulgação de comercialização de produtos, caso do café referente ao Projeto Tribus, por exemplo:

Figura 6 – Projeto Tribus



Fonte: Dados da Pesquisa.

Mas, há situações comunicativas que exigem o uso das duas formas de escritas, de forma simultânea ou não, tanto no ambiente escolar como nas práticas sociais: caso dos textos escolares como listas de nomes, por exemplo, elaboração de livros ou dicionários, traduções de versículos bíblicos, páginas da internet, redes sociais, etc. A definição da língua a ser adotada nestes casos dependerá dos receptores e suas vinculações culturais.

Quadro III - Usos da escrita na Língua Materna e Portuguesa

Atividades	Local
Cartilha da alfabetização e livros didáticos	Escola
Produção de Livros	Comunidade
Escritas de versículos	Igreja

Fonte: Elaboração própria.

As sistematizações dos diferentes espaços ocupados pela língua Paiter e pela Língua Portuguesa foram pensados porque nestes processos de uso: “É preciso conhecer seus domínios de uso-quem fala o quê a quem, quando, onde e como. [...]”. (MAIA, 2006, p. 233). A reflexão permanente sobre estas práticas constitui um importante mecanismo de coexistência entre línguas minoritárias e majoritárias em um quadro linguístico tão assimétrico como o que se vive no âmbito da globalização.

E neste contexto, o significado da alfabetização na atualidade é compreendido por meio de um conjunto de exigências, nas quais a aprendizagem da língua escrita e suas

utilizações sociais são trabalhados de forma indissociável, como um mecanismo permanente de atribuição de sentido aos conteúdos escolares e de modo que os sujeitos possam:

[...] transitar com eficiência e sem temor numa intrincada trama de práticas sociais ligadas à escrita. Ou seja, trata-se de produzir textos nos suportes que a cultura define como adequados para as diferentes práticas, interpretar textos de variados graus de dificuldade em virtude de propósitos igualmente variados, buscar e obter diversos tipos de dados em papel ou tela e também, não se pode esquecer, apreciar a beleza e a inteligência de um certo modo de composição, de um certo ordenamento peculiar das palavras que encerra a beleza da obra literária. Se algo parecido com isso é estar alfabetizado hoje em dia, fica claro por que tem sido tão difícil. Não é uma tarefa para se cumprir em um ano, mas ao longo da escolaridade. Quanto mais cedo começar, melhor. (FERREIRO, 2006, p. 2).

Há trinta e oito anos o Povo Paiter Surui ingressou no mundo da escrita. Esta foi uma exigência da nova situação colocada pelo contato. A escola chegou na aldeia e com ela a alfabetização. As avaliações coletivas acerca dos processos iniciais de aprendizagem da língua podem constituir importantes dispositivos de ajustes e aperfeiçoamentos que a realidade intercultural demanda. Hoje o trabalho iniciado na escola indígena ganha o espaço presencial e virtual - escrevem em Paiter e escrevem também em português na aldeia e na cidade. Neste processo desafiador no dizer de Paulo Freire, podem anunciar ao mundo a sua palavra.

Considerações finais

A inserção do Povo Paiter – uma sociedade indígena da Amazônia, na cultura escrita foi o tema que mobilizou a presente elaboração. Um recorte de pesquisa realizada em 2015 com vistas à conclusão da graduação na Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia. A finalidade deste estudo foi compreender como tem ocorrido a alfabetização intercultural nas aldeias Tikã e Lobó - Escola Paiterey na Terra Indígena Sete de Setembro, Cacoal em Rondônia e como esse conhecimento tem repercutido na vida do povo através da pesquisa narrativa e documental.

As colaborações de dois docentes e um sabedor, além do exame de documentos extraídos da escola e da comunidade foram importantes para compreender os antecedentes históricos da alfabetização entre os Surui, como acontece a rotina pedagógica referente às aprendizagens iniciais do ler e escrever e como estes saberes são utilizados no seu dia a dia.

Foi possível conhecer que a leitura e a escrita chegou inicialmente para 7 (sete) homens no formato da Educação de Jovens e Adultos por meio do trabalho dos missionários da Sociedade Internacional de Linguística (SIL). A alfabetização acontecia na língua materna, ação possibilitada pela colaboração indígena no âmbito da oralidade e do casal de missionário com a sistematização escrita.

Não há mais missionários na escola, os docentes que atuam na sala de aula são indígenas. Iniciam o trabalho didático a partir de palavras na língua materna e que as crianças conhecem, acompanhadas de desenhos. Utilizam o alfabeto móvel como recurso importante necessário ao conhecimento das letras e sua relação com nomes de animais existentes no território.

Notamos que as práticas pedagógicas desenvolvidas pela docência Paiter que colaborou com este estudo apresentam evidências de Alfabetização Intercultural e construtivista. Há uma movimentação que articula oralidade e escrita, atividades com desenhos autorais, alfabetos fixos e móveis e os textos – listas, por exemplo, são selecionados a partir dos conhecimentos infantis.

Paralela a esta forma de trabalho ainda emergem na sala de aula as atividades empiristas que dentre outras questões, envolvem o treino motor, por exemplo. São questionadas por enfatizar os aspectos mecanicistas e diretivistas do ensino e com isso desconsideram os saberes e perspectivas de quem está aprendendo o funcionamento da língua escrita. Uma evidência da herança das cartilhas dos missionários.

Assim as crianças Paiter aprendem a ler e escrever através de propostas que ainda trazem resquícios da didática missionária baseado nas cartilhas e de outro lado por intervenções didáticas, possivelmente resultadas dos processos de formação docente por meio da proposição construtivista.

E é neste processo desencadeado na alfabetização que no decorrer da escolarização os Paiter vão se apropriando cada vez mais da cultura escrita na língua indígena e portuguesa. Por meio de diversos suportes demandados pela atualidade vão transitando em diferentes espaços evidenciando atos de leitura e escrita que caracterizam suas identidades na contemporaneidade.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. Geral e do Brasil. Editora Moderna, São Paulo: 2012.

- BRASIL. MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas indígenas**. Brasília, 1998.
- CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. **Por uma educação indígena diferenciada**. Brasília, C.N.R.C./FNPM, 1987.
- CABIXI, D. M. Educação do Grupo Pareci. In: LOPES DA SILVA, A. **A questão da Educação Indígena**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CUNHA, Maria Isabel da. *Conta-me agora!* As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista Faculdade de Educação**, v. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 23. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1985.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- FERREIRO, Emília Ferreiro. **O momento atual é interessante porque põe a escola em crise**. Márcio Ferreira. In: Revista Escola. 1.11.2006. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/238/emilia-ferreiro-o-momento-atual-e-interessante-porque-poe-a-escola-em-crise> Acesso 10.05.2010.
- FERREIRO, Emília. **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito**. Seleção de textos de pesquisas. São Paulo: Cortez Editora, 2013.
- FERREIRO, Emília. **Passado e presente dos verbos ler e escrever**. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 21. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Um diálogo com Paulo Freire sobre educação indígena**. In: CIMI Conselho Indigenista Missionário. Relatório da 8ª assembleia CIMI Regional MT. Cuiabá, 1982. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/2463> Acesso em: 20 dez. 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MELIÁ, Bartomeu. Educação indígena na escola. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 49, Dezembro, 1999.
- MINDLIN, Betty. **Nós Paiter**. Os Suruí de Rondônia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.
- MONTE, Nietta Lindenberg. Escolas Formais - Agências Mediadoras. In: CABRAL, A. S. A. C. et al. **Por uma educação indígena diferenciada**. Brasília, C.N.R.C./FNPM, 1987.
- NEVES, Josélia Gomes. **Cultura escrita em contextos indígenas**. Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargos. 2009. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara. Araraquara– SP, 2009.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 20. ed., São Paulo: Cortez, 1987.
- SURUI, Naraykopega. **Pamin paje timi ter pajeor sodig om saba pamuga akobah ewetig, ahkarbame Paiter ekobabe sade sodig emi ewesame xagud emähme tig**. Trabalho de

Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural). Universidade Federal de Rondônia. Campus de Ji-Paraná, Ji-Paraná-RO, 2015a.

SURUI, Naraykopega. Um olhar para a História e as lutas do Povo Paiter Suruí de Rondônia.

Revista P@rtes. 6 de julho e 2015b. Disponível em:

<https://www.partes.com.br/2015/07/06/um-olhar-para-a-historia-e-as-lutas-do-povo-paiter-surui-de-rondonia/> Acesso em: 20 jun. 2021.

SURUI, Naraykopega. Por uma historiografia da educação escolar indígena em Rondônia: relato Paiter Suruí. **Revista P@rtes**. 13 de agosto de 2015c. Disponível em:

<https://revistapartes.com.br/2015/08/13/por-uma-historiografia-da-educacao-escolar-indigena-em-rondonia-relato-paiter-surui/> Acesso em: 20 jun. 2021.

VALENTE, Rubens. **Os fuzis e as flechas: história de sangue e resistência indígena na ditadura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

WALSH, C. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. M. (org.). *Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. 2009.

WEISZ, Telma. Como se aprende a ler e a escrever ou prontidão um problema mal colocado. In: BRASIL. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA)**. MEC/SEF: Brasília, 2001.

Sobre os autores

Naraykopega Surui

Professor da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Paiterey

Graduado no curso Licenciatura em Educação Básica Intercultural pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA).

Atualmente é cursista da Especialização em Educação Escolar Indígena (UNIR)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2776-732X> **E-mail:** naraykopesurui@gmail.com

Josélia Gomes Neves

Doutora em Educação Escolar.

Professora na Licenciatura em Educação Básica Intercultural e no Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Mestrado e Doutorado Profissional. Universidade Federal de Rondônia. Ji-Paraná-RO – Brasil.

Líder do Grupo de Pesquisa em Educação na Amazônia (GPEA).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2318-5397> **E-mail:** joseliagomesneves@gmail.com

Recebido em: 02/08/2021

Aceito para publicação em: 12/08/2021